

Produzir sentidos no currículo ou sobre currículo que produz sentidos para jovens e adultos trabalhadores

Marcia Soares de Alvarenga

Construir políticas de currículo em redes para nós educadores de jovens e adultos trabalhadores significa considerar o acervo de suas experiências para a relação pedagógica, produzindo, a partir deste acervo, sentidos² no currículo e fazendo um currículo com sentidos para os sujeitos da relação pedagógica.

Podemos, assim, recorrer tanto a E. P. Thompson (2002), quanto a Paulo Freire (2002), quando o primeiro nos diz que

O que é diferente acerca do estudante adulto é a experiência que ele traz para a relação. A experiência modifica, às vezes de maneira sutil e às vezes mais radicalmente, todo o processo educacional [...] (p. 13).

Por sua vez, Freire chama atenção para de que seria fundamental, se possível fosse ensinar, se entendêssemos:

[...] a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheio de significações (p. 20).

Com estes autores e, ainda, com Oliveira e Alves (2008), entendemos que políticas de currículo não se desprendem das experiências, formando redes de saberes nas quais se confrontam currículos previstos e currículos praticados. Desse modo, precisamos realizar o exercício de ler o que cada escola tem de singularidade para compreender como professores e estudantes agem e produzem sentidos no currículo como lugar informado que é pelas relações e práticas sociais que vivem em seus cotidianos.

Na pesquisa "Produção de sentidos na educação de jovens e adultos em escolas de periferia urbana" (FAPERJ, 2011,2013,2015), entre tantos

movimentos, trazemos a atividade de criação dos núcleos de memórias e histórias das escolas³, na rede municipal de São Gonçalo, nas escolas em que pesquisamos, que oferecem a modalidade EJA, permitindo a reconstrução e ativação da memória dos educadores envolvidos.

Núcleos estes compreendidos como estratégias de participação e compartilhamentos para a reelaboração das práticas como campo de saberes da EJA, contando com o levantamento de fontes para documentação enunciativa e organização de acervos de práticas pedagógicas pretéritas que movimentam, informam, ou não, práticas pedagógicas do presente.

Para finalizar, entendo ser bastante auspiciosa as propostas da criação de redes entre grupos de pesquisa inter-institucionais, ampliando as possibilidades de cartografar ações de políticas curriculares para o campo da EJA. Redes estas criadas e integradas desde as escolas até as universidades, abrigado e/ou compartilhado nos Fóruns EJA, que possam continuar a influenciar políticas públicas para a modalidade, considerando, na perspectiva de Apple (2008) que a luta pelo conhecimento não pode ser completa sem que as experiências e as vozes de jovens e adultos trabalhadores produzam sentidos *no* e *sobre* o currículo.

Sobre a autora

Marcia Alvarenga é professora Associada da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Referências

APPLE, M. et al. *Currículo, poder e lutas educacionais: com a palavra, os subalternos*. Tradução de Ronaldo Catado Costa. POA: Artmed, 2008.

BAKTHIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. SP: Martins Fontes, 2000.
FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. RJ: Paz e Terra, 2002.

OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Petrópolis/RJ: DP et Alii, 2008.

THOMPSON, E. P. *Os românticos*. RJ: Civilização Brasileira, 2002.